

Em artigo de 2005², referi-me à encíclica - implicitamente contra o racismo nazi - que o Papa Pio XI projectou publicar acerca da fundamental igualdade de todos os homens. Projectada com o nome *Humani Generis Unitas*, o texto preparatório³ foi encontrado em cima da secretária do Papa, na manhã seguinte ao seu falecimento.

Continua a parecer-me exagerada a opinião que a seu respeito escreveu Jim Castellino⁴: “a publicação deste projecto de encíclica teria podido salvar centenas de milhar, talvez milhões de vidas”.

Subscreveria contudo estas palavras no caso de um texto escrito por Pio XII e que o próprio mandou queimar, assistindo ele mesmo a essa destruição. A ser conhecido, esse texto não apenas teria poupado vidas como teria outras importantes consequências, nomeadamente para a memória do Papa Paccelli.

Recuando uns anos no tempo, encontramos Eugénio Pacelli como Núncio em Munique (1918-1925) e Berlim (1925-1930), o que lhe proporcionou um primeiro conhecimento do nascente movimento nazi⁵. Desde os primeiros tempos da nunciatura em Munique, cuidava da casa uma comunidade de religiosas alemãs⁶, tendo por superiora a Irmã M. Pascoalina Lehnert. Satisfeito com o desempenho da comunidade, Pacelli trouxe-a para Roma ao assumir

¹ O P^e. Roque Cabral é Jesuíta (18.10.1944); Licenciado em Filosofia (Braga, 1951) e em Teologia (San Cugat, Barcelona, 1955). Foi ordenado Sacerdote (31.07.1954) e Doutor em Teologia (Roma, U. Gregoriana 1966); Catedrático jubilado da Faculdade de Filosofia de Braga, da UCP; Co-fundador do Centro de Estudos de Bioética (Coimbra); Director e colaborador das enciclopédias *Verbo, Polis e Logos*. Publicou: *Socialismos* (1962), *Cristo e a sua Igreja* (1962, várias reedições), *Problemas dos Homens* (1962, várias reedições), *Temas de Ética* (2003), *Escritos de Ocasião* (2008), além de numerosos artigos na revista *Brotéria* e alguns na *Revista Portuguesa de Filosofia* e outras revistas.

² “A encíclica que não chegou a ser”, *Brotéria* 160 (2005) 7-13.

³ Pio XI encarregou o jesuíta norte-americano John LaFarge de elaborar o projecto da encíclica: “diga simplesmente o que diria se fosse papa” (de um manuscrito do arquivo LaFarge). Por indicação do Geral dos jesuítas, Wladimir Lédochowski, foram-lhe dados como colaboradores dois jesuítas: Gustav Gundlach, alemão, e Gustave Desbusquois, francês.

⁴ Cf. *National Catholic Reporter* de 15.12.72, p.101

⁵ Bastante informação em Hubert Wolf, *Papst & Teufel. Die Archive des Vatikan und das Dritte Reich*. Verlag C. H. Beck, München 2009. Em torno de cinco campos temáticos, escolhidos pelo autor, e com base sobretudo na documentação recentemente tornada pública pelos arquivos do Vaticano (2003 e 2006), procura o autor reconstituir como era vista, *desde Roma*, a Alemanha, entre os anos 1917 e 1939. Os cinco capítulos ou partes da obra tratam sucessivamente os seguintes assuntos: nunciatura de Eugenio Pacelli em Munique e Berlim (1917-1929), os debates vaticanos em torno do anti-semitismo (1928), a concordata com o Reich (1933), a cúria romana e a perseguição aos judeus (1933-1939), concepção católica e ideologia nacional-socialista (1933-1939). Num livro sério e que não é para o grande público, o título “Papa & Demónio” é chamativo mas enganador. Ver também Saul Friedländer, *Pio XII y el III Reich*, Barcelona 2007 (original francês: *Pie XII et le III Reich*).

⁶ Do Instituto das Irmãs da Instrução da Santa Cruz.

o cargo de Secretário de Estado (1930), mantendo-a ao seu serviço ao ser eleito Papa em 2 de Março de 1939, continuando a Irmã Lehnert como superiora.

Falecido Pio XII (09.10.58), as superiores da Irmã encarregaram-na de redigir “o que observei e recordava do grande Papa”. Assim nasceu a obra *Ich dürfte ihm dienen: Erinnerungen am Papst Pius XII*⁷. Nela conta a Irmã Lehnert acontecimentos que presenciou, entremeados de apreciações (sempre calorosamente positivas) acerca das qualidades e maneira de proceder de Pio XII e da sua vida “simples, frugal, laboriosa”⁸.

Lehnert confirma o que já era geralmente do conhecimento público: a encíclica *Mit brennender Sorge* (14.03.37), na qual Pio XI condenou fortemente os excessos nazis, foi fundamentalmente preparada e redigida por Pacelli, ajudado pelo cardeal alemão Faulhaber, que naquela ocasião se encontrava em Roma. Pio XI apreciava muito Pacelli⁹ e encarregava-o de muito trabalho. Uma vez ouviu-lhe a Irmã este desabafo: “Hoje foi demais...a cada momento me dizia o que deverei fazer quando ele faltar. Disse-lhe que nessa altura não teria que lhe obedecer, porque já não me poderia mandar”. Resposta de Pio XI: “Tem razão Eminência, mas di-lo-ei ao único que manda, o Espírito Santo” (79).

Começada a guerra, Pio XII criou o *Uffizio Informazioni*, que fazia parte da *Pontificia Commissione di Assistenza*, duas instituições que ajudaram milhares de famílias.

Pormenor significativo e pouco conhecido, referido pela Irmã Pascoalina: Hitler proibiu aos seus militares assistirem às audiências pontificias, e enviou espias para verificar o cumprimento dessa ordem. O que deu origem a cenas algo caricatas (133-134), perguntando, tanto os militares como os espias, quantas saídas tinha o Vaticano... Um militar chegou a perguntar isso ao próprio Pio XII, o qual, conhecedor do que se passava, lhe respondeu humoradamente: “Todas, meu filho, todas as que forem precisas para confundir os mais espertos” (134).

Interessante, finalmente, a referência à possível convocação de um *concílio ecuménico*: ao despedir, já tarde, Monsenhor Tardini, disse-lhe Pio XII: “E agora, Monsenhor, serão precisos outros vinte longos anos de preparação...”. Estando perto, a Irmã Pascoalina ouviu estas palavras e perguntou depois a Mons. Tardini para que seriam precisos vinte anos

⁷ *Foi-me dado servi-lo: memórias do Papa Pio XII*, Würzburg, Naumann 1982. Edição espanhola, de que me sirvo: *Al Servicio de Pio XII. Cuarenta años de Recuerdos*. BAC, Madrid 1984, 221 páginas.

⁸ Pio XII chegou a pesar apenas 58 quilos, ele que tinha 1 metro e 82 de altura (151).

⁹ “Considero a maior graça da minha vida tê-lo a meu lado”, teria dito Pio XI acerca de Pacelli, segundo Pascoalina Lehnert (63).

de preparação. “Referia-se (o Papa) a um futuro concílio que deseja preparar, embora não o julgue realizável nos anos que ainda lhe faltam viver” (148).

A passagem mais significativa das memórias de Pascoalina Lehnert será contudo aquela em que refere o sucedido em Agosto de 1942, num momento em que as tropas alemãs se aproximavam de Roma, que ocupariam de Julho a Setembro de 1943.

Conta ela: “Com que horror se recorda ainda aquela manhã de Agosto de 1942. Os jornais do mundo inteiro anunciaram com grandes títulos a notícia da desumana e impiedosa represália de Hitler ao protesto público do Episcopado holandês contra a perseguição anti judia. Foram presos e condenados às câmaras de gás 40.000 judeus. Entre eles, a conhecida filósofa e religiosa carmelita Edith Stein¹⁰, cujo *curriculum* Pio XII tinha seguido com especial interesse. Os jornais diários chegaram ao escritório do Papa, que se preparava para as audiências. Leu os grandes títulos e ficou pálido como a cera.

No fim das audiências – era uma hora da tarde, altura do almoço – o Santo Padre veio directamente à cozinha com duas páginas na mão, de escrita muito apertada. ‘É preciso queimar estes papéis. Tinha-os escrito para *L’Osservatore Romano* de esta tarde. Mas se a carta pastoral dos bispos holandeses custou a vida a 40.000 vidas humanas, o meu protesto talvez venha a custar 200.000. É preciso evitá-lo a todo o custo. Será melhor calar-me em público e continuar, como até agora, ajudando clandestinamente esta gente’.

“Santo Padre – atrevi-me a objectar – não será de lamentar queimar este escrito? Talvez sirva mais tarde”.

‘Pensei nisso, mas se por causalidade ele cai nas mãos de alguém...O (meu) protesto é *mais violento*¹¹ do que a carta pastoral do Episcopado holandês. Que será então dos pobres judeus e católicos sob o poder nazi? É melhor queimar estes papéis’.

E o Santo Padre ficou a ver como ardiam as duas folhas¹²...

Que teria acontecido, se Pio XII tivesse dado ouvidos à sensata observação da Irmã Pascoalina, guardando em lugar secreto, em vez de o queimar, o seu protesto - “mais violento” que o dos bispos holandeses – e que mais tarde poderia ser tornado público?

Nunca o saberemos. Mas de uma coisa podemos estar certos: muita coisa seria diferente, nomeadamente no que se refere à opinião sobre a atitude de Pio XII acerca dos judeus, objecto de uma crítica e até condenação bastante generalizada – mesmo que contra

¹⁰ Entretanto canonizada por João Paulo II.

¹¹ Sublinhado meu.

¹² Obra citada na nota 6, pp. 138-139.

tal condenação tenham falado vozes tão autorizadas como a de Golda Mayr, primeira-ministra israelita à data do falecimento de Pio XII¹³.

Pode o papa ter-se enganado, agindo como agiu naquela ocasião; mas está fora de qualquer dúvida, também então, a sua preocupação com o bem dos judeus.

Os acontecimentos aqui narrados não constituem novidade, embora o seu conhecimento não seja muito generalizado. Voltar a publicá-los agora pretende ser modesta contribuição para fazer justiça à memória de Pio XII, cujo empenho a favor dos judeus perseguidos por Hitler só será plenamente conhecido e apreciado quando a correspondente documentação, existente nos arquivos da Secretaria do Estado do Vaticano, vier a público, desfazendo muitos mitos entretanto divulgados.

Resumo

Breve artigo no qual se relata como Pio XII, em Agosto de 1942, mandou queimar o texto que escrevera para o *L'Osservatore Romano*, no qual protestava contra a eliminação de 40.000 judeus decidida pelos Alemães como represália contra a pastoral em que o episcopado holandês criticara a perseguição aos judeus. Gesto de enormes consequências.



Papa Pio XII

¹³ O que não impede a atitude reservada, para não dizer mais, das actuais autoridades israelitas relativamente a Pio XII.